

Esses dias teve um dia em que eu estava deitado na cama no final de uma tarde de inverno com medo e, naturalmente, deveria ter algum motivo para eu estar com medo, mas naquele dia eu não tive e não tinha e nem teria nenhum motivo para estar com medo até o momento em que, por estar com medo, estalaram e pularam e pipocaram pensamentos e mais vários pensamentos na minha cabeça, e o que estalou e pulou e pipocou mais alto foi o pensamento de perder as minhas coisas.

Lembrei-me de quando eu ainda era criança e um incêndio tomou conta da casa de uma ou duas ou três vizinhas que moravam juntas na quadra da frente. Aquilo me marcou muito porque o fogo consumiu tudo e mais um pouco da casa, e eu me perguntava sobre as coisas delas, meu deus, o que seria das coisas delas?, e a minha melhor amiga também se perguntava o mesmo, porque, assim como eu, ela não era nada sem as coisas dela, e assim imaginávamos juntos situações em que as nossas casas pegavam fogo igual a das vizinhas, que coisas salvaríamos primeiro e como faríamos isso.

Também me lembrei dos meus cadernos da época do ensino médio, de quando concluí o último trimestre do terceiro ano e joguei-os todos, todinhos no lixo durante a faxina geral que eu fazia a cada final de ano no meu quarto. Sempre fui um guardião ferrenho das coisas de certo valor sentimental, sejam lá quais fossem elas, mas naquele dia eu me senti tão livre das obrigações escolares que o ato de jogar os cadernos na lixeira foi feito sem choro e nem dó e nem piedade. Não muitos dias depois – mas dias o suficiente para não poder voltar atrás – me dei conta que não poderia mais folheá-los, lê-los, apreciá-los, tê-los, e lá estava ele, brutal, batendo na porta: o arrependimento.

Então interrompi as lembranças e me questionei como, mas como poderia alguém não ser como eu e não ter medo de perder as suas coisas?, ou, pior ainda, como, mas como poderia alguém que já as perdeu não sentir falta delas?, e me questionei também se essas pessoas existiam mesmo ou se eram apenas criações da minha cabeça, mas não obtive nenhuma resposta.

Saí da cama e me sentei numa das quatro cadeiras da sala, a que estava virada para a sacada, para os últimos feixes de luz rosa e laranja e amarela do Sol da tarde. Enfim decidi que, apesar de não ter sido causa, mas consequência, o pensamento de perder as minhas coisas seria a justificativa do medo repentino que me acometeu aquele dia.

E fiquei satisfeito.